

Caminhos e Experiências na Análise de Evidências Históricas

Mônica Xavier de Medeiros¹

RESUMO

Este artigo problematiza o uso das fontes/evidências históricas nos trabalhos de pesquisadores das ciências humanas a partir **das** reflexões feitas na dissertação de mestrado da autora. A Iradição positivista preconiza a análise das fontes deslocadas de **lua** historicidade, acabando por negá-la. Assim, cabe ao pesquisador analisar a intencionalidade do sujeito que produziu a fonte e deixar claras as inquietações que o inspiram na pesquisa, bem como as interrogações que faz às evidências. Na prática, não é a fonte em si que determina que um trabalho seja ou não positivista, mas como o pesquisador estabelece sua relação com ela. Salienta-se que o desvio positivista não advém apenas do uso das chamadas "fontes oficiais", mas também de fontes orais, imagens, cerâmicas, músicas, etc.

Palavras-Chave: Evidências, Fontes, Positivista.

ABSTRAC

This article analysis the use of the historical evidences in the sciences human's researchers. The Ranke's tradition praises the analysis dislocated sources of its history, finishing for denying It. Thus, it fits to the researcher to analyze the scienter of the citizen that produced the source and to clearly leave the fidgets that inspire it in the research, as well as the interrogations that make to the evidences. In the practical one, it is notthe source in itself that it determines that a work is or not positivist, but as the

I, Mestranda em História Social **pela** Universidade Federal de Uberlândia sob a orientação do ProfDr Paulo Roberto de Almeida.

researcher establishes its relation with It Sallont that thefl
 positivist shunting line does not adzt only Of Ih* UNO of the calls!
 "official evidences", but also of verbal souroea, lfH«u”^H. ceramicsfl
 music, etc.

Key-Words: Evidence, Source, Posltlvst Villon.

Para além da definição do tema, I escolha o análise dasfl
 fontes/evidências históricas constltuam-M num Árduo trabalhei
 para os pesquisadores das ciências humana*

Este artigo pretende problematizar O UIO da fontes, a partir!
 das reflexões feitas no curso de mestrado tm História Social dal
 Universidade Federal de Uberlândia, sobra IS experiências el
 vivências de trabalhadores metalúrgicos am Brio José dosl
 Campos².

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizadas!
 fontes orais (entrevistas), imprensa (Jornais da cidade e dol
 sindicato da categoria), bem como cargas a poesins.

A análise dos pressupostos teôrlous é importante para!
 evidenciar as escolhas e caminhos do pesquisador

2. São José dos Campos é um importante pólo indústriil IHI iln lnmln di" Silo Paulo, não si
 metalúrgico, como também do setordaindústriií I flud i|niniit>ie polrolífera. Localizai
 se num ponto estratégico, próximo aos dois maloroi pftloi ludiitultuis do país: Rio dei
 Janeiro e São Paulo. São José conta com a Rodovia PIWident* I lalni e a **R.FFS./I**
 (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônimn), qui > mlmin ftiiH'i<mando com trena
 antigos ainda é importante para o transporte de rnlrlrht jiliim pitm as indústrias. OB
 processo de industrialização da cidade de São Jiwí (itn • Miiipim inícia-se ainda na
 primeira metade do século XX, principalmente com u liit(nl«v(u di* I ri bricas têxteis e d<
 cerâmicas. A partir da década de 50 esse proceNHo de HidltMilidífiivilo amplia-se pars
 várias cidades do Vale do Paraíba com o poder pibll. . . . IBIMIIIIn pnúlicas para atraí
 indústrias. Em São José dos Campos foi aprovada Utltt III ijiic concedia isençõe:
 fiscais, doação de terrenos e outras vantagens pai rt M llldll>lt«<> i|jir lá se instalassem
 Esse projeto político-econômico adotadu, nu épiHW, puln burguesia, d^

Por História Social, entendo o estudo da cultura dos sujeitos, ou seja, de seu modo de vida, valorizando, assim, suas experiências e vivências. O modo de pensar, agir, produzir, o falar, os sentimentos são dimensionados pelo lugar social dos sujeitos bem como pelas experiências vividas. Estas experiências são compartilhadas e, portanto, são de classe. Outro aspecto da História Social é o olhar sobre o conjunto da sociedade nas suas múltiplas relações, assim os sujeitos sociais não são analisados apenas em relação às instituições políticas ou seu lugar na estrutura social. O ofício do historiador que pesquisa o social é analisar o conjunto de relações nas quais o sujeito acha-se inserido, que são relações de trabalho, familiares, amigáveis, de classe, de dominação e resistências. Neste sentido, o historiador, como sujeito que é, também tem seu lugar social e encontra-se inserido em múltiplas relações. Destas vivências e experiências advém o seu compromisso com o social ?

"desenvolvimento nacional" combinava investimento estatal em infra-estrutura e abertura ao capital internacional e foi aplicada em vários pontos do país. Desta forma o processo de industrialização do Vale do Paraíba e, especialmente, na cidade de São José dos Campos dinamizou-se após a construção da Via Dutra em 1951. Grandes empresas transnacionais implantaram-se na região. Esse processo intensifica-se nas décadas de 60 e 70, o que constitui um fator de atração de trabalhadores pelo número de empregos, em São José houve, então, um grande crescimento urbano acompanhado de uma forte migração de trabalhadores.

abertura ao capital internacional e foi aplicada em vários pontos do país. Desta forma o processo de industrialização do Vale do Paraíba e, especialmente, na cidade de São José dos Campos dinamizou-se após a construção da Via Dutra em 1951. Grandes empresas transnacionais implantaram-se na região. Esse processo intensifica-se nas décadas de 60 e 70, o que constitui um fator de atração de trabalhadores pelo número de empregos, em São José houve, então, um grande crescimento urbano acompanhado de uma forte migração de trabalhadores.

5. O compromisso do historiador com a mudança da realidade em que vive não é inerente à profissão. Nós decidimos (de acordo com nossas experiências) como nos posicionamos frente às disputas no social. Há historiadores que optam pela mudança, por fazer da história fonte de inspiração para que se projete um futuro diferente, há outros que optam por reforçar a Hegemonia construída em nossa sociedade.

A história pode ser vista como o acontecido ou como um fl processo. Aos historiadores que se Interessam pelo movimento, l pela mudança, abre-se um campo de persptotivas onde não só ol passado, mas o presente deve ser problematizado. Déa Ribeiro l Fenelon coloca:

Queremos inverter a relação passado/presente para tornar **maisfl** explícita a relação do momento do qual partimos, ou seja, **entrei** nossos problemas, nossas **lutai t** l experiência histórica **dei** outros momentos, para conseguir aiilM politizar a história **quel** transmitimos e produzimos.

Se considerarmos que a história fiz sentido como fonte **dei** inspiração e de compreensão, **não apenas** porque pode fornece™ os meios de inter-relação com o **panado, mas** também **porque»** nos permite elaborar o ponto de vista ortllo através do qual **sei** pode vero presente (FENELON, 1992 p.6).

Há várias maneiras de se trabalhar com as evidências ou fontes históricas.

A tradição positivista preconiza a análise da fonte em si deslocada de sua historicidade. Esta tendência, se materializada na pesquisa, acaba por negar a própria fonte. O historiador Ranke em 1830 preconizou que à história caba "apenas mostrar como realmente se passou". Esta tradição positivista resvala para um "culto aos fatos". A História, assim, viu-se elevada à categoria de ciência e na constante busca pela verdade privilegiam-se as fontes escritas, sobretudo o documento oficial. O arquivo público tornou-se o grande templo dos historiadoras.

Apreender a realidade significa, na tradição positivista, ser fiel aos documentos escritos. O historiador E. H. Carr ao fazer a crítica do positivismo coloca:

Os fatos estão disponíveis para o historiador nos documentos, nas inscrições, e assim por diante, como peixes na tábua do peixeiro. O historiador deve reuni-los, depois leva-los para casa, cozinhá-los e então servi-los da maneira que o atrair mais. (...) Primeiro acerte os fatos; só então corra o risco de mergulhar nas areias movediças da interpretação (CARR, 1978 p. 13).

Era necessário, então, para se fazer a "ciência histórica", ser o mais fiel possível ao documento e despojar-se de sua interpretação. Nesta tradição, as narrativas orais, imagens, sentimentos, músicas e paisagens eram desprezados no fazer da história. Havia uma separação completa não só entre a intencionalidade do sujeito que produzia o documento (uma vez que se presumia verídico), mas entre as inquietações do historiador e a pesquisa desenvolvida.

Do mesmo modo que devemos proceder a análise e interpretação das evidências históricas, é preciso que se problematize as visões de mundo e que se entenda para que servem em determinado momento histórico. O positivismo, assim, é uma visão/interpretação da história, que na sociedade onde foi suscitada, tinha objetivos a cumprir.

Atribuir legitimidade à determinada evidência (o documento escrito oficial), em detrimento de outros, revela-se como estratégia da ascensão e consolidação da cultura burguesa no século XIX. No livro "A pesquisa Histórica", as autoras ao debaterem a questão da objetividade do documento suscitam que só se considerava "relevante para a história aquilo que estava documentado e daí a importância dos fatos da política institucional: atos do governo, atuação de grandes personalidades, questões de política internacional etc"(VIERA, 1995 p.14)

A condição de sujeito histórico, neste tipo de análise, **era** privativa dos governantes. Os trabalhadores eram ignorados, I exceto em circunstâncias excepcionais, como na RevoluçãoM Francesa. O estudo do modo de vida de trabalhadores não era I feito de modo sistemático. O próprio trabalhador não era vistqB como sujeito histórico. Hobsbawn coloca que a pergunta do poetefl e dramaturgo Bertold Brech, "Quem construiu a Tebas das S e t a Portas?" veio a ser tipicamente uma pergunta do século XxE " (HOBSBAWN, 1999 p.18). j

A História Nova preconiza ser uma ruptura com o II positivismo ao alargar o campo de investigação de evidências! históricas. Realmente, descortina-se outras possibilidades aofl historiador: o rádio, a TV, a mídia, a música, porém é certo que o! crivo da análise destas evidências continua a constituir-se na! noção de cientificidade, ou seja, de prova da realidade. A História Nova, contraditoriamente, ampliou a base positivista da investigação histórica ao incorporar novas evidências, pois se o estudo da TV, do rádio e da mídia passou ser privilegiado, estes elementos transformaram-se no próprio sujeito da investigação. O trabalhador continuou alijado de seu lugar nas pesquisas históricas.

Thompson, na Miséria da Teoria, debate sobre a relação! historiador - evidências. O autor ora em questão ressalta que an 'lógica histórica" é "constantemente infringida pelas! contingências", ou seja, é constantemente recriada, pois temos! que observar tanto a dinâmica das evidências, como **das** interrogações que fazemos às mesmas. Na prática, não é a fonte! em si, que determina que um trabalho seja ou não positivista, mas! como o historiador lida com as evidências de sua pesquisa, ou l seja, quais as perguntas que ele faz à evidência. j

Assim, o conhecimento histórico é um exercício dialógico entre o conceito e a evidência. Ao contrário da proposição positivista que utiliza o estudo ou a pesquisa como uma forma de justificar a teoria. As perguntas devem se adequar às determinações da evidência, senão é falsa teoria⁴.

E neste ponto, podemos começar a discutir outro 'nó' sobre a relação entre pesquisador - evidências históricas. O pesquisador deve deixar claro em seu trabalho quais foram as perguntas feitas às evidências, pois tanto a interrogação, a motivação para a pesquisa, quanto a própria evidência modificam-se no processo histórico. A relação é dialética:

"Um tipo diferente de lógica, adequado aos fenômenos que estão sempre em movimento, evidenciam - mesmo num único momento - manifestações contraditórias, cujas evidências particulares só podem encontrar definição dentro de contextos particulares, e, ainda, cujos termos gerais de análise (isto é, as perguntas adequadas à interrogação da evidência) raramente são constantes e, com mais frequência, estão em transição, juntamente com os eventos do movimento histórico: assim como o objeto de investigação se modifica, também se modificam as questões adotadas (THOMPSON, 1981 p.48).

A teoria decorre do diálogo com as evidências históricas. A falta deste diálogo imputa numa universalização de conceitos que pouco servem à investigação. Na historiografia, há uma série de análises conjunturais que recorrem em estabelecer conceitos e parâmetros universais para diferentes lugares e épocas históricas. Um destes conceitos utilizados de maneira a-histórica é o de democracia. Se adotarmos um significado a priori deste

4. Para saber mais sobre a discussão da relação historiador - evidência, ler: THOMPSON, E. P. *AMiséria da Teoria*. Zahar Editores. 1981. Riode Janeiro. 2001, faz-se presente no desenrolar das manifestações em outros países do continente.

conceito, e procura-lo na Grécia Antiga, na Revolução Francesa e nos dias atuais, pouco entenderemos seu significado para os gregos, para os revolucionários franceses ou para os camponeses latino americanos no século XXI⁵.

A universalização de conceitos - como democracia, liberdade e igualdade - tomou-se um expediente tático de uma luta política. Porém, ainda que sobressaiam os elementos de dominação dos significados que se querem atribuir a estes conceitos, não se consegue eliminar outros elementos, que permanecem nas práticas sociais dos sujeitos históricos. Podemos pensar, então, que conceitos, linguagens e memórias fazem parte da luta por Hegemonia na sociedade. Entendendo a hegemonia, como discutido por Raymond Williams, um campo de conflitos e disputas.

Na pesquisa que realizei sobre experiências e vivências de trabalhadores metalúrgicos em São José dos Campos, o processo de reestruturação produtiva nas indústrias emergiu como um momento privilegiado de disputas tanto das memórias constituídas (jornais e entrevistas), quanto na função prospectiva da realização de um sentido histórico para as mudanças em questão. Enfim, a memória hegemônica na cidade de São José dos Campos tenta cunhar um sentido certo, para um certo tipo de história que se pretende 'oficial' na cidade.

Assim, convencionou-se chamar "reestruturação produtiva" uma série de mudanças no processo de gerenciamento das

5. Desde o ano de 2000, uma série de insurreições ocorre na América Latina. Em países como Paraguai, Equador e Bolívia, os camponeses e trabalhadores das cidades tem saído às ruas, derrubado presidentes, num claro questionamento à "ordem democrática" constituída. A palavra de ordem "que se vayam todos" (referindo-se aos representantes do parlamento, executivo e judiciário), cantada por manifestantes argentinos no ano de 2001, faz-se presente no desenrolar das manifestações em outros países do continente.

fábricas e no de produção de mercadorias. Entre essas mudanças, temos a introdução dos CCQs (Círculos de Controle de Qualidade), substituição da linha de montagem por células de trabalho, produção controlada pela demanda ou "just in time" (com a eliminação de grandes estoques), robotização, câmaras setoriais e programação de atividades como festas, esporte e grupos de teatro, abertos inclusive à família do trabalhadora

Nestes tempos de reestruturação produtiva, ocorreram grandes alterações no dia-a-dia do trabalhador metalúrgico. A robotização sugere a diminuição de postos de trabalho, houve, também, um aceleração do ritmo de produção e o trabalhador passou a desempenhar várias funções. Neste sentido, ocorreu uma alteração do modo de vida de metalúrgicos dimensionada pelas mudanças no local de trabalho. É importante ressaltar que estas transformações constituíram-se enquanto um processo e não como ruptura, assim pequenas mudanças introduzidas ora em um setor, ora em outro, alterações de ritmos de trabalho, um maior controle do tempo 'livre'⁷ e a diminuição de postos de trabalho com a introdução paulatina de novas máquinas ao longo de meses e até anos foram dimensões deste processo ora estudado.

Em artigo do Jornal 'Vale Paraibano', encontram-se evidências da disputa pelos rumos e significados do processo de reestruturação produtiva implementada pelas indústrias automobilísticas da região do Vale do Paraíba:

6, É necessário salientar que estas transformações não foram implementadas de forma homogênea pelos países industrializados. No Brasil, há medidas que estão sendo npliçadas e outras que não foram aceitas pelos trabalhadores, constituindo-se, assim, nummovimento desigual, mas combinado.

; 7, Este tempo 'livre' aque me refiro são os horários que os trabalhadores utilizavam para i rao banheiro, beber água ou café e descansar após as refeições.

"A modernização dos equipamentos de produção industrial também vem colaborando para o aumento do leque de exigências curriculares. A diminuição da Kiinliva Consultoria e Recursos Humanos, Aparooida Knuni, dl/ que a maioria das indústrias está fazendo uma oxiqom litqunnló pouco tempo atrás] não era considerada tão nocosa.áiin < ur.tr. do especialização do SENAI comomecanicaoiololoiioiiii.it ()

Para o diretor adjunto do Ciosp ((loitlio da-. Industrias do Estado de São Paulo), Mário Sarraf. o pilm ll ml pml >lom; de São José é a falta de mão-de-obra especializada 'l KMOIII muitos candidatos, mas pouca gente especializada 'l dlilcil i mmoquir profissionais de bom nível para determinadou nnloios da indústria. As máquinas hoje são todas conipulndoiziifidas. Com isso, o empresário é obrigado a exiqn cada vn/ ni.u;,"

Busca-se naturalizar ideias e valores sobre o processo de reestruturação produtiva. Assim, o sonlulo do progresso' e do 'desenvolvimento' são apontados como nncossários para as indústrias continuarem competitivas o, com isso, dominando determinadas parcelas do mercado. A coi iv.lmr.; 10 desses valores; permite considerar o desemprego **como ónus** necessário aos trabalhadores que não acompmilm este sentido da modernização, "o empresário é obriy;ido a nxigir cada vez mais". Essa disputa também ocorre na quest.io <lo perfil necessário ao trabalhador:

"O novo profissional da indústria ntilomobilística é dotado principalmente da flexibilidade paia aluai na mesma velocidade com que surgem novos modelos o nmvacoos, no ambiente cada vez mais competitivo do mercado do vínculos. Um exemplo de profissional polivalente é o engonliiwo <la Volkswagem Carlos Eduardo Victor, de 28 anos. Elo inqniçou na empresa pela primeira vez em 1985, como aprendiz, já |MÍ; sou por quatro áreas dentro da fábrica, assumindo solo lwiçOos diferentes. Em todos

esses anos Victor teve quatro formas de contratação. Além de aprendiz foi estagiário, trabalhou como empregado terceirizado na área de recursos humanos. Depois foi inspetor de qualidade, analista de treinamento, analista de produção, engenheiro de processos e atualmente ocupa o cargo de engenheiro industrial. (...) quando a indústria automobilística se instalou no Brasil não existia mão de obra treinada. Naquela época exigia-se pessoas fortes fisicamente para operar a linha de produção. Com o passar do tempo, os braços do metalúrgicos foram substituídos por processos mais sofisticados e daí vieram os investimentos em treinamento. A indústria passou a requisitar mais a inteligência."⁹

Assim, integram-se valores que constituem as ideias hegemônicas a respeito do processo de reestruturação produtiva. Ao lado da integração mundial de mercados e a otimização da produção de mercadorias, disputa-se um perfil de trabalhador que deve ser qualificado, flexível, saber operar várias máquinas ou assumir várias funções e, se possível, ter curso superior. As indústrias, em seus treinamentos de recursos humanos, também exigem "motivação, lealdade e satisfação na realização de seu trabalho". A qualificação profissional é experimentada pelo trabalhador como uma condição sem a qual torna-se mais difícil manter-se no emprego. Porém, mais uma vez, o trabalhador não está passivo neste processo, ao contrário, quer qualificar-se como estratégia para melhorar suas relações de trabalho.

Vejamos, agora, como o processo de reestruturação produtiva é tratado pelo sindicato da categoria:

"Aumento da produção não vai gerar empregos
AGM vai aumentarem 177% a produção de motores 2.2 para os Estados Unidos a partir do próximo ano. A empresa quer fabricar

9. Funcionários flexíveis acompanham inovações no setor. Jornal Gazeta Mercantil Vale do Paraíba. Caderno Especial: PóloAutomotivo. 30 de junho de 1999.

25 mil unidades em 97, contra uma previsão de 9 mil motores para este ano (de fevereiro a dezembro).

O aumento da produção não vai significar a abertura de novos postos de trabalho. Não podemos concordar com essa medida tomada pela GM. Está muito claro que o aumento da produção, sem abertura de vagas, vai resultar em horas-extras nos sábados e domingos ou na ampliação da carga horária diária para atingir o aumento da produção. Enquanto a GM se preocupa em aumentar seus lucros, são os trabalhadores que pagam o pato. Todos sabem que um aumento na produção pode aumentar o número de acidentes. Ao invés de explorar os trabalhadores exigindo 1 produtividade excessiva, a GM deveria atender à reivindicação do sindicato e reduzir a jornada semanal de trabalho de 44 para 40 horas semanais".¹⁰

Temos, assim, com os artigos de jornais, pelo menos duas visões implícitas do processo de reestruturação produtiva verificado na cidade de São José dos Campos.

O sentido que o Jornal 'Vale Paraibano' e a 'Gazeta Mercantil do Vale do Paraíba' explicitam é a que se refere à questão da falta de qualificação do trabalhador como vetor do desemprego.

Mas como a qualificação interfere na vida do trabalhador?

É necessário ressaltar que o estudo sempre fez parte das aspirações de trabalhadores. Assim, trabalhadores que migravam para São José dos Campos tinham como objetivos o emprego e "terminar os estudos" - muitas vezes através do supletivo. Nas décadas de 70 e 80, uma das portas de entrada para se conseguir emprego numa grande fábrica (como a EMBRAER) era fazer os cursos oferecidos pela própria escolinha da indústria.

É preciso entender porquê o estudo virou "qualificação" e como esta se constituiu em ameaça ao emprego do trabalhador. Olhando sob o prisma desta discussão temos a impressão que há muitas vagas no mercado de trabalho e o que estaria faltando seria "trabalhador especializado". Aqui a disputa pela hegemonia está lançada. Há que se escovar o que nos é dado, enquanto realidade, a contra-pêlo.

Para se proceder a análise de artigos de jornais é preciso dimensionar várias questões. Um primeiro problema que se coloca é que o jornal não é uma fonte isenta de opinião, não é um local de neutralidade. Assim, ao trabalhar com os artigos percebemos quais os projetos que estão em disputa na sociedade.

Ao analisarmos um artigo de jornal (e qualquer outra fonte) precisamos perguntar: Quem fala? Como fala? Quais argumentos utilizam? Como se relaciona passado - presente - futuro?¹¹

... a leitura cotidiana, e crítica, dos jornais exige um exercício para desvendar e cotejar seus múltiplos textos, para estabelecer relações e nexos entre notícias apresentadas de formas tão fragmentada e hierarquizada, para buscar descobrir o que não é dito ou o que é apenas insinuado nas entrelinhas, esmiuçar significados em títulos e destaques que, às vezes, invertem ou até desautorizam o conteúdo das matérias; enfim, para elaborar uma opinião e crítica sobre a realidade em meio ao poder e à universalidade das representações elaboradas diariamente pelos jornais, precisamos realizar um trabalho árduo e uma intervenção ativa para lidar com uma narrativa sobre os acontecimentos que se apresenta como o próprio acontecimento, reivindicando uma

11. Reflexões feitas à partir de Oficina sobre imprensa ministrada pela Professora Laura Antunes Maciel do departamento de História da Universidade Federal Fluminense no dia 02/12/2004 na Universidade Federal de Uberlândia.

condição de lugar de verdade na produção do entendimento! sobre a realidade social (MACIEL, 2004 p.14).

O Jornal Vale Paraibano¹² e o Jornal Gazeta Mercantil são órgãos da imprensa escrita de São José dos Campos com uma longa tradição e participam ativamente na "construção da sentidos, ordenamento da realidade social e constituição das] memórias hegemônicas" (MACIEL, 2004 p.14) da região do Vale! do Paraíba. Assim, percebemos quais os sentidos atribuídos, no artigos, sobre o processo de reestruturação produtiva das indústrias e quais marcos elegem na constituição da História da região. Inicialmente, percebemos a associação do desemprego à falta de qualificação do trabalhador. A universalização desta ideia é um expediente na luta pela História. Neste sentido, naturalizam-se as escolhas neste processo. A situação do trabalhador demitido é responsabilidade própria da pessoa e as questões da manutenção da lucratividade das empresas, com o aumento de produção associado à redução da mão de obra, são minimizados.'

Estabelecer um sentido para a História não é importante apenas para cunhar uma memória hegemônica, mas também tem uma função prospectiva que lhe é peculiar. Assim, atribuindo-se a "culpa" do desemprego ao trabalhador, procura-se como opção para o futuro que este trabalhador "qualifique-se"¹³. É uma solução de cunho individualista bem ao gosto da filosofia neoliberal, que tenta por várias vezes solapar a organização conjunta de trabalhadores nas disputas de rumos para o país.

12.0 Jornal Vale Paraibano circula por várias cidades da região, inclusive São José dos I Campos, há mais de 50 anos. I

13. É, assim, as políticas de qualificação para o trabalhador são criadas como os cursos! de formação para desempregados com verbas do FAT (Fundo de Amparo aos! Trabalhadores), as quais muitos sindicatos não prestam conta da sua utilização. I

Por outro lado, a interpretação do sindicato para esses tempos de reestruturação produtiva ressalta elementos diferentes que apontam outras vivências e experiências que trabalhadores estabelecem ao viver este processo. O aumento da produção, sem a contratação de mais metalúrgicos, coloca a possibilidade de um acréscimo das horas trabalhadas, que priva o trabalhador do convívio com a sua família e de seu lazer, bem como, na execução de seu ofício, estabelece o aumento das possibilidades de acidentes, pois passam a desempenhar várias funções ou terem que operar máquinas, as quais não estão acostumados. Essa situação inclusive contrasta com a própria exigência de qualificação preconizada nos artigos dos jornais 'Vale Paraibano' e 'Gazeta Mercantil'.

Em relação a interpretação e uso de fontes orais cabe também uma série de reflexões. A questão do positivismo está colocada para a utilização de narrativas orais, assim como no uso de documentos escritos oficiais. Como já dito, anteriormente, não é a fonte em si que determina que o olhar do pesquisador não resvale ao positivismo, mas às perguntas que se fazem às evidências históricas. Existem três grandes tendências em relação ao uso de fontes orais, quais sejam: a primeira que nega a fonte oral, pois a 'verdade' estaria na fonte escrita; a segunda incorpora a fonte oral na narrativa do pesquisador, utilizando-a como ilustração para provar fatos que se pretendem verdadeiros e a terceira que reflete a fonte oral como interpretação da realidade dos narradores.^

14. Reflexões feitas no mini-curso "Histórias, Memórias e Narrativas Oraís", ministrado pelos profs: Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida, Prof. Ms. Sérgio Paulo Morais e Prof. Renato Mes. No Período de 22 a 26/11/2004 na Universidade Federal de Ilhéus-MG.

A subjetividade, existente nas narrativas orais, não é motivo para não usá-las, pois há intencionalidade nos sujeitos históricos na produção de qualquer fonte seja escrita, oral ou imagens. A discussão, na adoção desta tendência para a análise de narrativas, não vem a ser a relativização e fragmentação da história, ao contrário, a interpretação é gestada no social, a partir de um terreno de experiências compartilhadas socialmente e, portanto, de classe. As interpretações dos sujeitos nas narrativas orais são referenciadas pelo modo de vida dessas pessoas e a transformação desse modo de vida.

Em entrevistas com trabalhadores metalúrgicos realizadas um pouco antes de uma reunião sobre o processo de Anistia Política¹⁵, vemos a luta pela sobrevivência sobressair, pois, diante de uma situação de perseguição política e início de processo de inovação tecnológica, que reduziu postos de trabalho, estes trabalhadores foram criando estratégias para permanecer/viver na cidade. Rui da Silva é mineiro e mesmo tendo sua família em Itajubá, continuou em São José dos Campos realizando "bicos". Neste trecho da entrevista perguntei o porquê ele havia me falado que não "tinha confiança na democracia":

"... a perseguição é do mesmo jeito. A perseguição continua do mesmo jeito e na época militar eu tinha um trabalho para mim trabalhar, eu tinha um trabalho, eu trabalhei bastante tempo, depois da Ditadura eu trabalhei gato pingado e agora como diz... cheguei agora uma hora tá explicando uma questão, eu tenho 33 anos de contribuição, de contribuição já, e tem um processo nosso, não sei se a culpa é da anistia aí, eu não recebo nem da'

15. Entrevistei metalúrgicos pertencentes a dois grupos de Anistia Política. Esses grupos reivindicam reconhecimento do estado de que foram perseguidos durante a Ditadura Militar. Trata-se de trabalhadores que ao realizarem greves na EMBRAER em 1982 e na General Motors em 1985, além de terem sido demitidos, encontraram, após, inúmeras dificuldades de conseguirem outro emprego como metalúrgicos.

anistia, que não tem (...) e nem posso aposentar porque não completei 35 anos"

Na luta por permanecer na cidade, Rui da Silva fez "bicos" para garantir o sustento, o que gerou outro problema comum em um país onde mais da metade da força de trabalho está na "Informalidade": a impossibilidade de aposentar-se, devido à falta de recolhimento de contribuição ao INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social).

O texto de Rinaldo Varussa "Trabalhadores e memórias: disputas, conquistas e perdas na cidade" (VARUSSA, 2004 p.212) ao analisar experiências e viveres de trabalhadores/moradores da cidade de Jundiaí, no interior paulista, instiga a reflexão desta problemática ao apontar, através das narrativas orais, outros viveres que compuseram o processo de industrialização na cidade. Este texto nos ajuda a compreender que não é apenas o emprego e a profissão que se constituem como elementos que inserem os trabalhadores nos espaços. Apesar de trabalhar na minha pesquisa com uma categoria específica - metalúrgicos - não podemos absolutizar este elemento como definidor do sujeito. Afinal o sujeito é trabalhador/metalúrgico não apenas porque está vinculado a uma indústria, que fabrica determinado tipo de mercadoria, mas sim porque vive o seu trabalho, há uma teia de relações na qual o sujeito se constitui. Na coluna Dito Bronca, do jornal do sindicato, temos uma reclamação de um trabalhador da Philips que revela a composição de outros viveres num processo de crescimento da cidade de São José dos Campos:

Philips turismo S/A

Perder quatro horas dentro de um ônibus! É mole? Os companheiros da Philips estão enfrentando este calvário diariamente. Quem mora no Jardim Santa Inês e entra às 14h, pega o ônibus ao meio dia. E ai começa o "passeio". Movo

Horizonte, vila Tesouro, Vila Industrial, Jardim da Granja, Bosque, 1 Morumbi... quem sai da fábrica às 22:00h, chega em casa depois] da meia noite. Assim não dá, a Philips tem que colocar mais l ônibus.¹⁶

Houve uma preferência em se construir as empresas nas margens da Via Dutra, assim cada vez mais os bairros populares/operários foram ficando mais longe do local de trabalho dos metalúrgicos, o que ocasiona demora no itinerário ao trabalho, esta situação acarreta numa diminuição das horas de sono ou mesmo de convívio familiar.

As narrativas orais são interpretações dos sujeitos de suas experiências/vivências e expressa, também, uma relação dialógica entre entrevistado/pesquisador, pois o historiador também interpreta à partir de sua problemática. A fonte oral (assim como as demais fontes - escrita, imagem, etc) não deve ser analisada pelos fatos em si que narram, mas pelo processo de visão implícito.

Assim, o trabalho de interpretação das fontes é um ato histórico referenciado nos sujeitos sociais que as produzem e na problemática do historiador que as analisa. |

BIBLIOGRAFIA

CARR, E. H. **Que é História?**. Editora Paz e Terra. 1978. 2ª Edição.

FENELON, Déa Ribeiro. **O Historiador e a cultura popular: História de classe ou história do povo?**. In: História e Perspectiva, Uberlândia, 6-5-23. Jan/Jun. 1992.

HOBSBAWN, E. J. A Outra História - Algumas Reflexões. In: Krantz, Frederick (org). **A Outra História. Ideologia e Protesto Popular nos séculos XVII a XIX**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo Notícias e Histórias: **Algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa - 1880/1920**. IN: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs). Muitas Memórias, Outras Histórias. Editora Olho Dágua. Maio/2004.

MORAIS, Sérgio Paulo. **Tempos, trajetórias de vida e trabalho de carroceiros na cidade (Uberlândia -1970/1998)**. In: Muitas Memórias, Outras Histórias. Editora Olho Dagua. Maio/2004.

SALES, Telma Bessa. **Experiências de João ferrador em tempos de reestruturação produtiva: VW Anchieta - SBC**. Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC. 2000.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Volume 1. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1987.

_____. **A Miséria da Teoria**. Zahar Editores. 1981.

Rio de Janeiro.

VARUSSA, Rinaldo José. **Trabalhadores e Memórias:!
Disputas, conquistas e perdas na cidade.** In: Muitas Memórias, l
Outras Histórias. Editora Olho Dagua. Maio/2004. j

VIEIRA, Maria de Pilar do Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário d»
Cunha & KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa Histórica.!**
Editora Ática. 1995.3ª Edição.

WILLIANS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Zahar Editores*
Rio de Janeiro. 1979. j